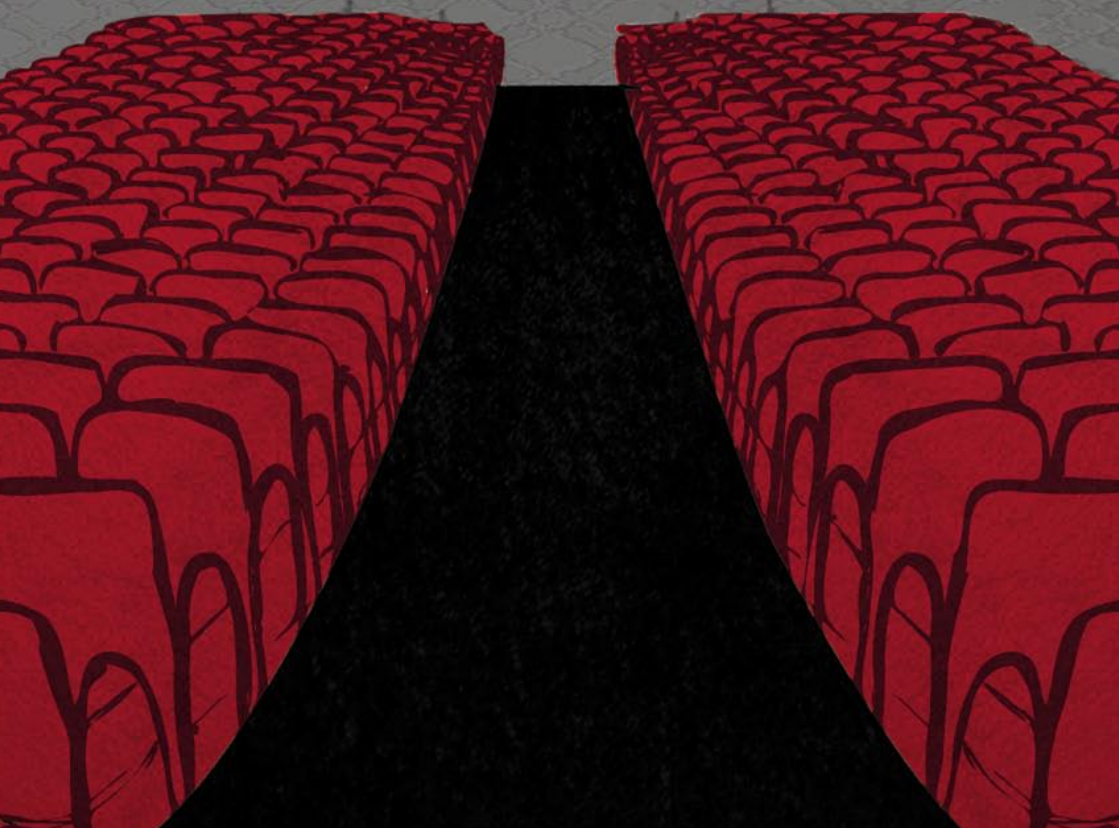


LIBERTINAGEM PROJETADA

Livro reportagem sobre a história das salas de exibição
de filmes pornô do Distrito Federal **por Nathália Novais**



Libertinagem projetada

Livro reportagem sobre a história das salas
de exibição de filmes pornô do Distrito Federal

por Nathália Novais

Este livro é resultado da curiosidade insaciável de saber sobre a história das salas de cinemas pornô do DF.

A falta de informações levaram a uma pesquisa enorme sobre o assunto e o desenvolvimento do livro como projeto final do curso de Jornalismo da Universidade de Brasília.

Agradeço todo o apoio das pessoas que contribuíram para o trabalho.

À minha família, ao seu Izaías e ao Gustavo de Castro, meu orientador.

Aos meus amigos, que me ajudaram como puderam.

Ao Divino e à Layanne, funcionários do Cine Paranoá, pela paciência e disposição.

À Beatriz Saffi, responsável pela ilustração da capa, e à Camilla Garcia, pelas fotos.

Ao Marcos Morce, responsável pelo projeto gráfico e diagramação.

<i>A última sala de cinema pornô</i>	9
<i>A sala de cinema do Cruzeiro</i>	15
<i>As primeiras salas do Distrito Federal</i>	19
<i>Os bastidores do Cine Ritz</i>	35
<i>A performance de striptease</i>	37
<i>Prostituição</i>	39
<i>O Sexo Explícito</i>	40
<i>Matérias de jornais</i>	43
<i>Referências</i>	45

A última sala de cinema pornô

No movimentado centro de Taguatinga, uma discreta propaganda fixada no edifício Paranoá Center anuncia em letras vermelhas garrafais a entrada de uma atração para maiores de 18 anos. De uma só vez, o portão de acesso se revela no corredor deserto e mal iluminado do subsolo do prédio. À direita, pôsteres com mulheres seminuas em posições reveladoras apresentam a programação do dia. Aberto de segunda a domingo, o Cine Paranoá exhibe durante a tarde toda três filmes pornôs heterossexuais, de origem estrangeira e um deles inédito, e oferece salas reservadas para público adulto.



Programação do Cine Paranoá

Reinaugurada no começo de maio de 2013, a sala de cinema é a última do Distrito Federal (DF) a exibir exclusivamente filmes pornô e também foi uma das primeiras a trabalhar com o gênero. A sala existe desde dezembro de 1960 e exibia filmes tradicionais até 1982. O primeiro filme a passar na sala foi Hércules de Tebas e, antes de mudar a programação para filmes pornô, era frequentada principalmente por quem morava perto e considerada um programa para família. Em 1983, a sala entrou no circuito cinematográfico pornô, novidade na época e alternativa para evitar o fechamento de cinemas. Atualmente, um casal também dono de uma sala de cinema pornô em Goiânia administra o local.

O Cine Paranoá recebe uma média de 70 a 80 pessoas por dia e arrecada diariamente cerca de R\$ 600. Aos domingos, a renda chega a R\$ 350. De acordo com Tayanne Santos, gerente do cinema, as pessoas procuram o cinema para diversão e para manter o anonimato. “Aqui é sigiloso, não

pergunto o nome de ninguém. Muitos clientes vêm escondidos das esposas, e alguns a gente já reconhece o rosto por que vêm todos os dias”. Aqueles que se arriscam a passar pelas portas escuras da entrada encontram todos os tipos de pessoas, casais, homens casados e solteiros, gays e mulheres à procura de encontros sexuais ou com vontade de assistir a um filme em companhia de outras pessoas.

Fora do cinema, o silêncio domina o ambiente. Não se escuta barulho do filme, exibido sem interrupção, nem das atividades permitidas dentro do espaço. Vez ou outra, o telefone toca e Tayanne fala com alguém interessado em dar uma passada no local, alguns até arriscam uma cantada. “Quando descobri que era um cinema pornô, fiquei com medo de aceitar o trabalho e os clientes tentarem algo comigo, me atacar por exemplo. Mas depois descobri que era tranquilo, levo com profissionalismo, minha família e marido sabem e não ficam constrangidos com meu trabalho”, conta a funcionária.



Camilla
Garcia
Brunca

Divino Pinheiro, funcionário do Paranoá,
intercala o trabalho na bilheteria e dentro do cinema

Os clientes, sentindo segurança com a discrição do local, tomam uma cerveja na bilheteria e conversam, enquanto decidem a hora de entrar. Pagam dez reais pelo ingresso, que dá direito a ficar a tarde inteira no cinema e utilizar qualquer uma das três salas disponíveis. Atrás das cortinas negras, mal se consegue ver as escadas de acesso à sala principal, com mais de 290 lugares. Aos poucos, os olhos se acostumam com a escuridão e a luz da tela ilumina parte das poltronas vermelhas e alguns poucos espectadores, atentos ao filme.

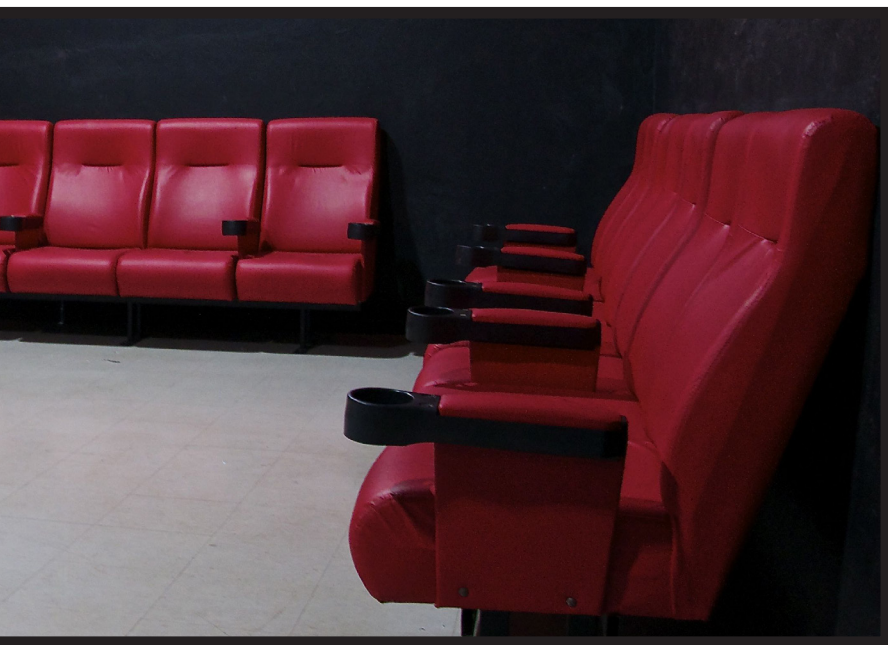
A sala VIP, com 15 poltronas dispostas em U, fica próxima da entrada e é geralmente frequentada por casais que desejam privacidade. O *dark room*, usado para orgias sexuais, fica na parte superior do cinema. É uma sala comprida, sem cadeiras e toda preta, do teto ao chão. Das janelas, con-

Camilla
Garcia
Brunca



segue-se ver o filme. Dois funcionários vistoriam as salas e as atividades dentro do cinema e se intercalam na bilheteria, enquanto Tayanne fica no escritório. Duas meninas fazem a limpeza diariamente, pela manhã.

Um dos funcionários, antes de ser contratado, frequentava o Paranoá antes e depois da reinauguração. Ainda hoje, quando está de folga, aproveita para entrar no cinema. Divino Pinheiro, de 27 anos, é cliente de salas de cinema pornôds desde 2008, quando foi pela primeira vez ao Cine Vip, sala do Cruzeiro, cidade-satélite de Brasília. Como já conhecia o funcionamento desse tipo de sala, a gerente Tayanne o chamou para ser funcionário. “É difícil arranjar gente para trabalhar aqui por ser um cinema adulto, as pessoas nem aparecem para fazer entrevista quando descobrem”, disse a gerente.



Sala Vip do Cine Paranoá

Antes de ser reformado para a reinauguração, o Paranoá apresentava sinais de decadência. As cadeiras rasgadas, a sujeira diária e o mau cheiro incomodavam os clientes, inclusive Divino. Como o banheiro não oferecia boas condições para a prática sexual, o jeito era fazer nos corredores do cinema. “Quem ficava escorado na parede dava sinais de que queria alguma coisa. Era só chegar no cara e ir pegando que rolava sexo oral ou masturbação, no corredor mesmo.” Casais também aproveitavam a liberdade dentro do cinema e transavam no palco abaixo da tela. Hoje, a limpeza diária do cinema evita que o cheiro desagradável dos fluidos corporais dos espectadores fique impregnado nas salas.

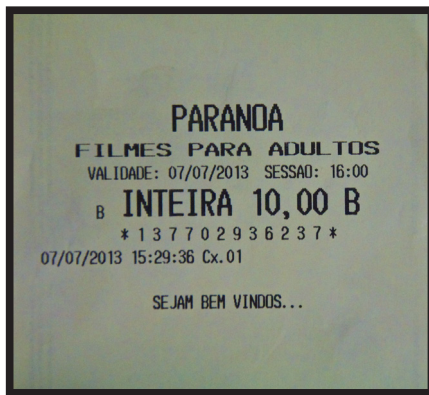
O palco ainda permanece, mas os casais não aproveitam mais como antes. Quando chega a noite, o movimento aumenta e os casais começam a aparecer. Não existem regras lá dentro, é um espaço dedicado ao cliente sem a interferência dos funcionários. E apesar de o encontro sexual ser um dos principais motivos para as pessoas frequentarem a sala, a prostituição não é permitida no local. A gerente garante que não permite a entrada de prostitutas e michês. “Se o cliente vier acompanhado de uma, tudo bem, eu não tenho conhecimento de que é prostituta.”

Desde que abriu, o cinema já foi vistoriado duas vezes pela polícia civil por causa de reclamações dos comerciantes que trabalham por perto. De acordo com Tayanne, os alvarás estavam em ordem, somente os pôsteres deveriam ser retirados até conseguir (tirei o um) outro alvará para recolocá-los. Depois de passar pela burocracia para conseguir um, pôde colocar os pôsteres de volta. “Crianças e adolescentes fazem aula de música aqui ao lado e eles acabavam vindo olhar a programação, por isso as pessoas começaram a reclamar”.

A sala de cinema do Cruzeiro

Inaugurado em outubro de 2006, o Cine Vip ficava no Cruzeiro Center, centro comercial da cidade. A curiosidade levou Divino Pinheiro ao lugar e, assustado, foi convidado por Arnaldo Valverde, dono do cinema, a entrar. “Eu tinha 22 anos na época e o dono do cinema me chamou. A gente foi direto ao banheiro, onde rolava sexo, e ele foi tirando a roupa, mas eu disse que não estava no clima.”

Depois desse dia, Divino ia duas a três vezes no Cruzeiro para assistir filmes pornô e ter encontros sexuais. “Eu ia mais por causa da privacidade. Não dava para levar



Ingresso do Cine Paranoá

gente lá em casa, alguém podia me pegar. No Cine Vip, dava para ter aventuras com vários homens diferentes, era uma loucura!”. O trabalhador preferia os espectadores da sala onde passava filmes heterossexuais. “Eu escolhia um cara bem macho, sentava do lado, conversava e então eu começava a passar a mão, depois a gente ia para o banheiro transar”, conta. Só depois de entrar em uma briga com um dos clientes e ser expulso do cinema é que Divino parou de ir ao Cine Vip e começou a ir no Cine Paranoá.

Em novembro de 2012, o Cine Vip mudou para a 716 Norte, quadra ao lado do Hipermercado Extra, e Divino pôde voltar a frequentar o local depois de conseguir autorização do dono. A mudança para a Asa Norte aconteceu após Antônio Sabino, administrador do Cruzeiro, interditar o cinema em função de denúncias de prostituição, exploração sexual de menores e perturbação do sossego.

Em depoimento à Polícia Civil, Arnaldo afirmou que a entrada de prostitutas e michês e de pessoas menores de 18 anos era proibida no estabelecimento. Além disso, negou que promovia encontros íntimos entre os clientes. No entanto, Divino garante que o dono do Cine Vip permitia prostituição no local. “Uma amiga travesti minha já foi comigo no cinema e ela fazia programas lá dentro,

como também militares”. No final da investigação policial, não foi comprovado o exercício da prostituição no local nem o aliciamento de menores, somente a utilização do espaço para encontros íntimos.

Depois de três semanas funcionando na Asa Norte e de muitas reclamações dos moradores da quadra, o Cine Vip fechou. Em seguida, o Cine Paranoá reabriu. A sala de cinema do Cruzeiro era menor que uma sala convencional, tinha capacidade para 30 pessoas. Em entrevista à revista eletrônica Parou Tudo (<http://paroutudo.com>), Arnaldo contou que a ideia de abrir um cinema adulto veio depois de frequentar vários cinemas desse tipo. Natural de Juiz de Fora, Arnaldo escolheu Brasília porque não havia opção de salas que exibissem filmes pornô hetero e bissexuais no mesmo lugar.

Assim como o Cine Paranoá, o ingresso do Cine Vip dava direito a aproveitar todas as salas do espaço, durante o dia todo. Cobrava-se 15 reais pela entrada e o espectador podia circular livremente entre três salas: uma onde passava filmes bissexuais, outra onde passava filmes heterossexuais e a terceira era o dark room. Esta última era destinada a práticas sexuais em grupo e onde ficava o glory hole, parece com três buracos, um deles na altura dos órgãos sexuais, geralmente encontrado em clubes sexuais e usado para sexo oral e masturbação.

A quantidade de pessoas que entravam e saíam chegava a noventa por dia, de acordo com o relatório policial da investigação sobre o cinema. O horário mais cheio era às 19 horas, depois do expediente de trabalho. Nessa hora, casais bissexuais se encontravam para práticas sexuais em grupo. Os vidros escuros da entrada impediam a identificação

dos frequentadores, a grande maioria homens com idade entre 25 e 60 anos.

Os interessados em assistir filmes podiam acessar a programação mensal no site do cinema, atualmente fora do ar. Eram exibidos oito filmes no total por dia, quatro na sala heterossexual e quatro na sala bissexual. A propaganda do local se limitava ao site, à revista eletrônica *Parou Tudo* e anúncios em um jornal de pouca circulação no DF. Os comerciantes próximos do Cine Vip reclamavam sobre as atividades que aconteciam dentro do local e não desejavam ser associados ao público frequentador.

Para conseguir o alvará de funcionamento do Cine Vip, Arnaldo classificou o cinema como atividade de locação, venda e exibição de DVD, sem referência ao tipo de filme veiculado. Em 2012, os policiais civis identificaram irregularidades que comprometiam a segurança dos clientes e o cinema foi interditado até resolver os problemas. Arnaldo então transferiu o cinema para a Asa Norte. Uma loja de artigos infantis e de casa ocupa o espaço antes do Cine Vip.

As primeiras salas do Distrito Federal

A exibição de filmes pornôis em Brasília começou em 1982, com o Cine Astor, sala de cinema do Conjunto Nacional. No ano seguinte, o Cine Paranoá e o Cine Venâncio Júnior, o primeiro de Taguatinga e o segundo do Setor de Diversões Sul, conhecido por Conic, entraram no circuito pornô enquanto o Astor continuou com programação tradicional. Na época, o Venâncio Jr era administrado pela Empresa de Cinemas São Paulo Minas e funcionava desde novembro de 1969, enquanto o Paranoá desde dezembro de 1960.

Antes dos filmes pornô, as pornochanchadas, consideradas produções eróticas, e os filmes de artes marciais faziam parte da programação, à exceção do Astor. O cinema passava filmes do circuito comercial tradicional durante o dia inteiro e à noite os filmes adultos. Em junho de 1982, um dos primeiros pornô a exhibir foi *Fantasia sexual* (1982), de Juan Bajon, diretor filipino de filmes pornô produzidos no Brasil. Seis meses depois, o cinema anunciava, na programação, o filme *Como faturar a mulher do próximo* (1981), do diretor José Miziara, como pornô. Apesar de alternar filmes do circuito tradicional e filmes desse gênero, o Cine Astor não virou uma sala de cinema pornô e fechou como sala de cinema tradicional.

No mesmo ano, o Cine Windsor, cinema do Rio de Janeiro, estreou a primeira produção brasileira criada conforme as regras do gênero pornô, o *Coisas Eróticas*. O filme impulsionou a produção pornô nacional e conquistou uma das maiores bilheterias do cinema nacional em relação ao número de espectadores. De acordo com Fernão Ramos, autor do livro *A enciclopédia do cinema brasileiro*, a estreia de *Coisas eróticas* levou às salas de cinema mais de quatro milhões e 700 mil pessoas. Dois anos depois, em 1984, dos 105 filmes produzidos no Brasil, 69 eram de sexo explícito, segundo Nuno Abreu, autor do livro *O olhar pornô* e pesquisador da Universidade de Campinas.

A exibição de *Coisas Eróticas* só aconteceu graças a abertura do mercado brasileiro, no começo da década de 80, para as produções estrangeiras com cenas de sexo explícito, como *Calígula* (1979), de Tinto Brass, e *O império dos sentidos* (1976), de Nagisa Oshima. A censura nacional, neste período, só permitiu a exibição de *O Império dos Sentidos* com mandato judicial depois de provado o valor artístico

da produção. O filme gerou polêmica em todos os lugares onde passou e provocou a abertura do mercado à avalanche de produções internacionais, especialmente americanas, além de impulsionar a produção pornô brasileira.

A maioria dos cinemas do Distrito Federal em 1982 se concentrava no Conic. Próximo à Rodoviária do Plano Piloto, o Conic é um dos cen-

tros comerciais mais movimentados do Distrito Federal e até hoje popularmente associado à prostituição, marginalidade, violência e tráfico de drogas. Inaugurado na década de 70, o local estava previsto no projeto de Lúcio Costa para fornecer lazer e cultura aos moradores de Brasília e do Entorno.

Era um dos principais centros culturais do Distrito Federal, especialmente pela quantidade de salas de cinema tradicionais e pelo teatro Dulcina, inaugurado na década de 70, também escola de artes cênicas. De acordo com Flávia Portela, prefeita do Conic e estudante de arquitetura na década de 80, o centro comercial sempre foi um lugar diferenciado. “Pessoas de todas as classes sociais visitavam o local, desde políticos a pessoas de



Coisas eróticas, considerada primeira produção pornô brasileira

baixa renda. O Conic tinha as melhores livrarias, boates e cinemas da cidade.”

No total, cinco salas de cinema no Conic: o Cine Atlântida, Miguel Nabut, Superama Karim, Cine Venâncio Jr e Badya Helou. A maior sala era o Cine Atlântida, hoje Igreja Universal do Reino de Deus, com mais de mil lugares e administrado pelo grupo Severiano Ribeiro até o fechamento, no final da década de 90. Na Asa Sul, ficava o Cine Brasília, primeiro cinema construído em Brasília. Nas cidades satélites, ficavam Cine Lara, Cine Paranoá e Taguacenter, de Taguatinga; Cine Amazonas e Cine Itapoã, do Gama; e o Cine Alvorada, de Sobradinho.

Em abril de 1986, a mais famosa sala de cinema pornô de Brasília foi inaugurada. O Cine Ritz foi a primeira sala do Distrito Federal criada para atender exclusivamente o público adulto sem antes exibir filmes do circuito de cinema tradicional. O cinema ocupou o local onde ficava o Superama Karim, uma das salas de cinema da rede Karim. As primeiras atrações da sala incluíam o filme pornô estrangeiro Barco do sexo, dirigido por David Frazer, e o espetáculo de teatro erótico O lado p... do cinema, inédito na capital federal e dirigido por Ari Santiago, além de striptease nos intervalos dos filmes. Valdivino Soares



do Santos, primeiro dono do cinema, trouxe a peça para a inauguração do Cine Ritz como programação especial para inauguração do cinema.

Marcello Casal, fotógrafo, tinha 16 anos na época e, aos sábados, ia ao Conic para se divertir com dois amigos, um policial militar e um oficial da aeronáutica, no cinema. Os amigos eram maiores de idade e um deles dirigia o Opala de 1976 do pai de Marcello. Rodavam a cidade inteira à procura de diversão, mas sempre terminavam a noite no Conic.

Arquivo Público do DF



Passarela superior da Rodoviária do Plano Piloto, com Setor de Diversões Sul ao fundo



A presença militar no centro comercial era grande e o fotógrafo perdeu as contas de quantas vezes ele e os amigos correram de policiais e seguranças. Marcello lembra de algumas situações específicas, como o dia que tentou roubar um pôster de filme pornô do Cine Ritz ou quando foi perseguido até a Rodoviária por policiais. “A polícia do Exército entrava no cinema ou ficava perto para prender os soldados que iam se prostituir no Conic e quem frequentava o Cine Ritz”. Quem era

pego ia preso e podia ser expulso da corporação.

Depois de assistirem filmes nos cinemas tradicionais, entravam no Cine Ritz no final da noite. Os militares de qualquer corporação podiam entrar sem pagar no Cine Ritz e, como sempre acompanhava os amigos, Marcello também não pagava ou mostrava os documentos de identidade. O movimento na entrada era grande, principalmente por causa dos bares próximos ao local. Os garotos escolhiam o filme baseado na beleza das mulheres dos pôsteres, onde ficava a programação do dia, e evitavam a todo custo encarar as pessoas que esta-

vam na fila, por medo de serem mal interpretados ou confundidos com alguém que estivesse lá para um encontro sexual. E sempre depois de saírem do Cine Ritz, sentavam para comentar sobre o filme do dia.

Dentro da sala de cinema, as cortinas vermelhas separavam a entrada da arquibancada. O breu enchia os olhos dos visitantes e o cheiro de suor, cigarro e esperma empestava o ambiente. Com cuidado, os espectadores escolhiam as poltronas e desviavam das poças de sêmen. A tela gigantesca iluminava os homens solitários sentados nas quatro primeiras fileiras da sala de cinema. Durante a tarde inteira, o Cine Ritz exibia filmes pornô estrangeiros e nacionais, geralmente de má qualidade e gosto duvidoso de acordo com os frequentadores, e atraía a atenção de diferentes pessoas que passavam pelo Conic.

Nos intervalos dos filmes, o público vibrava a cada apresentação de striptease e enlouquecia com as sessões de sexo explícito; os frequentadores se aproximavam do palco e gritavam. Na época, os filmes pornô estavam na moda e o sucesso do Ritz era parte por causa dos filmes, parte por causa da curiosidade das pessoas que passavam pelo local. Em entrevista para o Correio Braziliense do dia 11 de abril de 1986, o dono do cinema garantiu que o diferencial do Ritz eram os filmes pornô da programação, de qualidade melhor do que os outros exibidos nas outras salas de cinema do DF.

Os frequentadores, a grande maioria homens, disputavam os lugares das primeiras fileiras diariamente. Escolhiam a poltrona na qual pudessem conseguir a melhor posição para ver a maior quantidade de detalhes do show de sexo explícito. Izaías da Silva, 30 anos na época, homem casado e funcioná-

rio do grupo Pão de Açúcar, estava entre os clientes do cinema. De calça jeans e camisa branca, o trabalhador aproveitava os intervalos de almoço para assistir a um filme pornô três vezes por semana.

A primeira vez que viu sexo explícito na tela de cinema foi no filme *O império dos sentidos* (1976). Quando foi exibida, a produção era um dos assuntos mais falados de Brasília por causa das cenas de sexo explícito. Até os anos 80, o acesso à pornografia se resumia às bancas de revista e a alguns cinemas do Distrito Federal. As bancas vendiam revistas de conteúdo adulto ou revistas em quadrinhos pornográficas, por exemplo o *Catecismo*, de Carlos Zéfiro. A educação sexual de Izaías basicamente se formou com os produtos vendidos, já que em casa os pais não conversavam sobre sexo.

O primeiro contato com filmes pornôs só aconteceu em 1979, numa viagem a trabalho. Um dos colegas levou alguns rolos de filmes pornôs e o projetor e cerca de 20 homens assistiram os filmes em um quarto de hotel. Até hoje não lembra o nome das produções, assim como não lembra o nome do primeiro filme visto no Cine Ritz. O que não esquece é a apresentação de sexo ao vivo de





À esquerda e abaixo, cenas do filme *Império dos Sentidos* (1976). Ao lado, quadrinho *Catecismo*, de Carlos Zéfiro



Márcia Ferro, rainha do cinema pornô brasileiro, na sala de cinema pornô.

No dia, Izaías foi ao Ritz na hora do almoço, como frequentemente fazia durante a semana. Homens se amontoavam para conseguir entrar. Ressabiado, o trabalhador ficou na fila e esperou a vez de comprar o ingresso por 20 cruzados, moeda brasileira na época. Era precavido e não deixava o medo de encontrar alguém conhecido impedi-lo de frequentar o cinema. Como dentro da sala era muito escuro, só conseguiu sentar graças à ajuda de um lanterninha. Não ficou próximo do palco, onde os lugares eram mais disputados nas sessões diárias de sexo explícito. O número de espectadores superava o número de poltronas, 220 no total. Alguns sentavam no chão e os outros se espremiavam nas cadeiras.

O local atraía todo tipo de gente, pessoas de classe mais baixa, prostitutas, travestis, militares, homens casados e solteiros. “O cinema era o ponto de encontro para quem estava à procura de sexo”, conta Izaías. De acordo com Marcello, muitos soldados do Exército também se prostituíam no lo-

*Bárbara
Oliveira*



Cine Ritz

cal. “Geralmente a abordagem acontecia dentro do cinema e depois as pessoas iam para outro lugar fazer o que quisessem”. Os frequentadores ganharam fama de depravados e pervertidos, segundo alguns comerciantes que trabalhavam próximos ao Ritz, e as mulheres que trabalhavam e frequentavam eram chamadas de prostitutas.

Com a proximidade entre as pessoas, a masturbação não poderia ser consumada no dia da apresentação de Márcia Ferro, enquanto estavam sentados nas cadeiras. A prática era recorrente no cinema, mas discreta aos olhares dos espectadores, e os homens geralmente traziam revistas para cobrir a calça ou faziam movimentos cautelosos. Caso alguém notasse, espectadores e lanterninhas impediriam o ato.

Antes de a apresentação começar, Izaías assistiu um filme. Não se incomodava com a qualidade do filme, tampouco com o cheiro de esperma e produtos químicos. O



*Camilla
Garcia
Brunca*

Izaías da Silva, frequentador do Cine Ritz

ingresso barato dava a oportunidade de ver sexo ao vivo e assistir filmes adultos, o que ainda não era possível fazer dentro de casa. Não presenciou práticas sexuais durante os anos que frequentou o Cine Ritz, mas não fariam diferença para o trabalhador, já que o seu objetivo era outro. “Nunca fui abordado dentro do cinema para fazer sexo e nem dava liberdade para que isso acontecesse”, conta.

O striptease vinha logo após o fim do filme. Durante 15 minutos, dançarinas se revezavam nas apresentações. As mulheres geralmente não seguiam o padrão de beleza da época e muito menos atraíam Izaías. Com o fim do striptease, chegou a hora de Márcia Ferro entrar no palco da sala de cinema junto com um ator pornô. A apresentação começou como se esperava, com gritos excitados da plateia e homens tentando alcançar o corpo da atriz. Assim como em um filme pornô e em outras performances de sexo explícito, os atores passavam das preliminares para a penetração vaginal e depois acabavam o show com a ejaculação nos seios da atriz, depois de uns 10 minutos de apresentação. Não acontecia a penetração anal, como hoje é comum nos filmes e os atores não usavam camisinha.

Mas nem todos os shows de sexo explícito iam conforme o que é esperado pelo público. Certa vez, Izaías presenciou a uma apresentação onde o ator acabou mostrando dificuldade para manter uma ereção. Duas mulheres dividiam o palco com o homem, uma delas era esposa do ator. As mulheres começaram a se beijar e quando o ator entrou no palco todos perceberam que ele não estava excitado.

Os espectadores então partiram para o ataque: vaiavam, chamavam o ator de viado, bicha, frouxo, gritavam que ele não era homem. Era um teste à masculinidade e à concentração

do ator, sob pressão do olhar analítico da plateia. Acostumado com os desaforos de espectadores, o ator desafiou os homens a subir no palco e a tentar fazer a performance.

De acordo com Izaías, o ator era o mais assediado verbalmente pelo público, com xingamentos e palavras de baixo calão. Em relação ao assédio à atriz, o objeto de desejo, o toque era o auge. Apesar dos esforços dos seguranças e da proibição, as tentativas de agarrar a mulher, tocar seus cabelos e seios eram incontroláveis. Enquanto a atriz gemia e realizava diferentes posições sexuais e o ator mantinha a ereção, os espectadores rodeavam o casal. Tentavam tocar a atriz de qualquer forma, e normalmente conseguiam.

Em 1989, o Ritz perdeu consideravelmente o público. Com o aumento da venda de videocassetes, a frequência às salas de exibição ficou restrita a um público popular, de renda mais baixa. As apresentações de striptease e sexo explícito garantiram renda ao cinema até seu fechamento, em 2009, e o último dono do cinema, Raimundo Nonato, também se preocupava com os filmes: não eram repetidos e dos três, pelo menos um era brasileiro. Antes de ser fechado, a Polícia Civil abriu uma investigação baseada em denúncias de prostituição na sala de cinema e isso acabou levando ao fechamento. Atualmente, uma placa de “Aluga-se” substitui a placa com o nome do cinema.

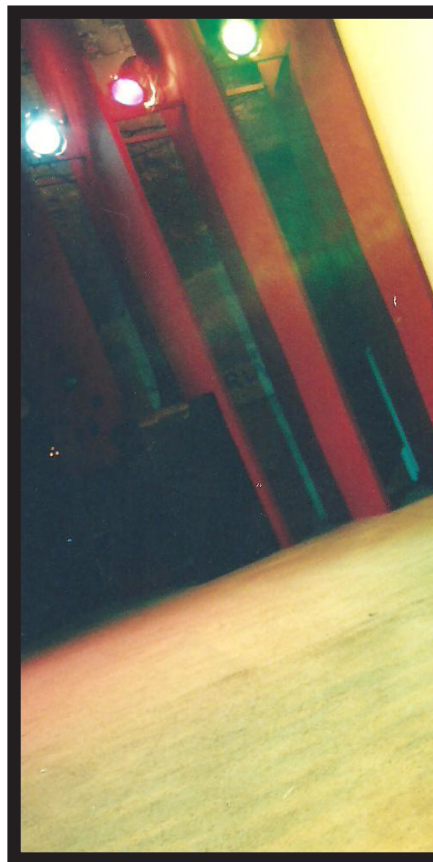
Apesar da queda de público das salas de cinema especializadas, o Cine Bristol, do Conic, entrou no circuito pornô em junho de 1992. Um ano e meio antes, o Conic perdia o Cine Venâncio Jr, fechado após a venda do edifício onde se localizava para dar lugar à Igreja Mundial, atualmente em funcionamento. O Bristol, inaugurado em julho de 1976,

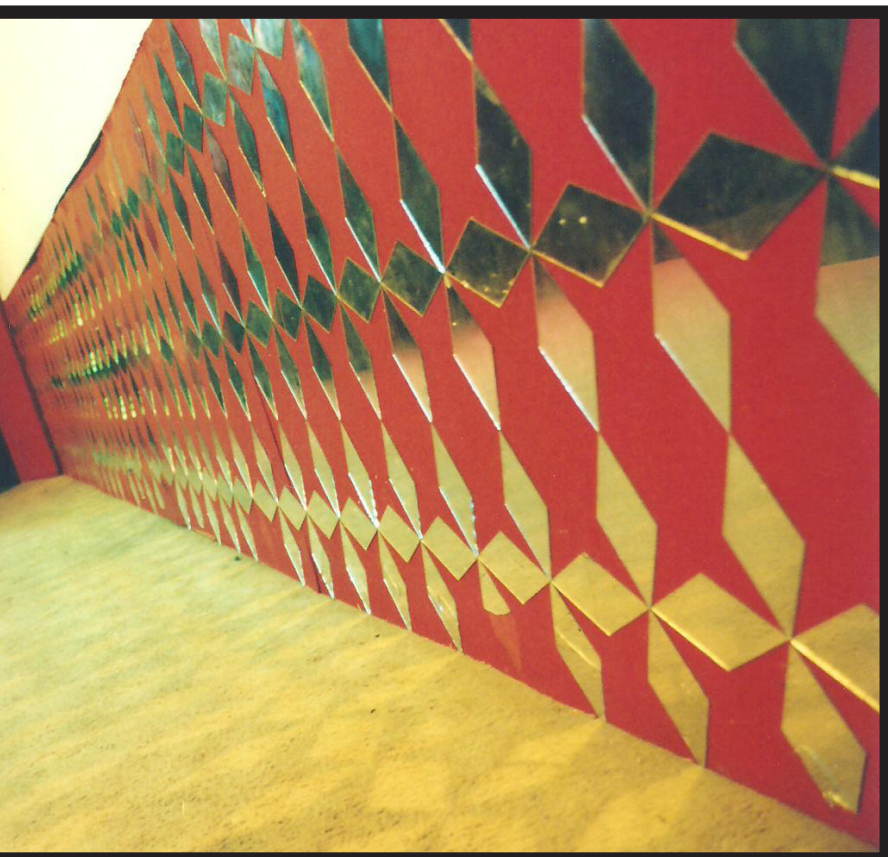
só durou sete anos como sala de cinema adulto e fechou as portas em maio de 1999. O motivo do fechamento é desconhecido e, na época, era administrado pela empresa Alvorada Cinematográfica Internacional.

As produções nacionais pornográficas acompanharam a decadência do cinema brasileiro e não conseguiram competir com o modelo estrangeiro que se impôs na década de 90. A concorrência levou o cinema pornô nacional a explorar os limites das perversões, introduzindo filmes de sexo bizarro, como zoofilia. Saía mais barato importar filmes americanos do que produzir filmes pornôs brasileiros.

As produções nacionais pornográficas acompanharam a decadência do cinema brasileiro da década de e não conseguiram competir com o modelo estrangeiro de filmes pornôs que se impôs na década de 90. A concorrência levou o cinema pornô nacional a explorar os limites das perversões, introduzindo filmes de sexo bizarro, como zoofilia. A importação de filmes americanos era mais barata do que produzir filmes pornôs brasileiros.

A indústria de filmes pornográficos, no entanto, começou a crescer com a entrada do vídeo. De acordo com o pesquisador Nuno Abreu, a produção pornográfica se adaptou muito





Palco do Cine Ritz

bem à nova tecnologia do videocassete e, apesar de o consumo desse tipo de filme nos cinemas ter diminuído, o consumo doméstico dos filmes em vídeo aumentou. De acordo com dados de 2007 da Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico (ABEME), associação criada para unir empresas do mercado erótico, os principais polos de filmes pornôis do Brasil arrecadam 300 milhões de reais por ano.

Enquanto a produção pornográfica nacional caía, os espectadores de cinemas especializados em exibir filmes adultos

optavam por assistir em casa, onde o espaço é mais reservado. As videolocadoras começam a se espalhar pelo país e a se especializar no aluguel de filmes pornô. Os cinemas então perderam público e foram fechando, um a um. No começo da década de 90, Izaías acompanhou essa mudança e deixou de frequentar o Cine Ritz para passar a consumir vídeos pornô em casa, geralmente alugados já que a pirataria não era comum na época.

Atualmente, os filmes pornô podem ser encontrados em canais especializados de tevês por assinatura ou em bancas de camelô, geralmente falsificados. A oferta de canais adultos ou programação adulta é grande e fácil, assim como filmes falsificados com valores baixos.

Os bastidores do Cine Ritz

No modesto camarim do Cine Ritz, as dançarinas de striptease trocavam de roupa e ensaiavam para a apresentação em frente a um grande espelho. As mobílias quebradas e as paredes sujas mostravam o descaso com o lugar, enquanto nos palcos as luzes e a estrutura para os espetáculos estavam em boas condições. Em 2004, a situação da sala de cinema já não era como no final dos anos 80, época áurea do Ritz.

A popularidade alcançada pelo Cine Ritz em relação à outras salas de cinema pornô é insuperável até hoje. O cinema não funcionava somente como local para exibição de filmes, tam-

bém era estabelecimento onde apresentações de striptease e de sexo ao vivo aconteciam frequentemente. Os frequentadores consideravam o Ritz como um espaço para exercício da livre sexualidade, mesmo sob regras que não alterassem a identidade heterossexual do local. Até hoje, alguns brasileiros têm alguma história para contar sobre o Ritz.

Na inauguração da sala em 1986, o dono já trazia espetáculos eróticos inéditos e shows de striptease. As pessoas enchiam o cinema para ver os shows; as dançarinas e casais de atores pornô eram garantiam o sucesso do estabelecimento e viviam um mundo à parte, longe dos olhares dos espectadores. Nos bastidores, um incontável número de mulheres e homens passaram pelos camarins do Ritz nos 23 anos de funcionamento da sala de cinema.

Com o passar dos anos, as dançarinas e atores pornô sentiram o peso da decadência do Cine Ritz com mudanças constantes no trabalho e diminuição dos valores das apresentações. Durante o sucesso do cinema, um dos proprietários do cinema, em entrevista concedida ao jornal universitário *Campus* de junho de 1986, afirmou que as dançarinas recebiam treinamento de um mês para apresentar os shows, tinham carteira assinada, eram sindicalizadas e recebiam dois salários mínimos para fazer *striptease* seis vezes por dia. O rendimento do cinema chegava a cinco mil cruzados e pretendia-se fazer mudanças semanais em relação à trilha sonora e entrada das dançarinas. Na mesma publicação, uma das dançarinas considerava ser no futuro uma atriz de filme pornô.

Durante a produção da monografia *Aqui não tem tabu: socialidade e representações do obsceno no Cine Ritz*, a antropóloga Anna Lúcia Santos conversou com dançarinas do

local dezoito anos depois, em 2004. Na época, aproximadamente dez dançarinas trabalhavam no local e faziam apresentação de *striptease* seis vezes por semana, nos intervalos dos filmes. As mulheres não tinham treinamento para produzir o show e o pagamento era baixo. O valor era entregue ao final da apresentação e as gorjetas dos espectadores complementavam a renda.

As dançarinas geralmente não ficavam mais de quatro meses trabalhando no cinema, e era comum voltarem um tempo depois, quando passavam por dificuldades financeiras. A dançarina mais antiga entrevistada por Anna Lúcia trabalhava há quatro anos no Ritz. A faixa etária das mulheres variava entre 18 e 30 anos e o nível escolar não era alto. A gerente do cinema na época permitia que algumas morassem no camarim até que se estabilizassem economicamente.

Nas apresentações de sexo explícito, dois casais se revezavam nas apresentações. Os casais eram de Goiânia e eram contratados pelo dono do Ritz para shows semanais. Em 2007, a situação já tinha mudado. Enquanto produzia a monografia *Oh yeah, baby! Sítios da pornografia, territórios da masculinidade*, o antropólogo Pedro Grandi relatou que as dançarinas de *striptease* e espectadores escolhidos substituíam os atores pornôns no show de sexo explícito.

A performance de striptease

Quando as luzes do palco acendem, as dançarinas começam o show. Ao fundo, uma música de sucesso da novela da

época toca e direciona os movimentos da mulher. No palco, poucos elementos ajudam na performance. Nada de cenário elaborado, como cadeiras ou cilindros de ferro para *pole dance*. Só a dançarina, alguns espelhos na parede dos fundos e uma iluminação vermelha dão início às fantasias masculinas.

Aos poucos vão tirando as peças de roupa e andam entre as fileiras de cadeiras. Cada vez que se aproximam do público, mais os homens gritam. Grande parte das mulheres faz uma dança erótica, romântica, sem mostrar muito a vagina ou outras partes íntimas. Os espectadores, no entanto, preferem as mulheres mais ousadas. Gostam quando elas chegam perto e ficam em posições escancaradas, quase como a imagem de um filme pornô. As dançarinas mais aplaudidas são as mais audaciosas. Algumas vezes, um flerte entre dançarina e cliente resulta em um romance fora do cinema. Alguns frequentadores compravam presentes para as dançarinas que gostavam.

O trabalho das dançarinas é autônomo, elas escolhem roupas, música e coreografia. As roupas, compradas em sex shops por um preço alto para os padrões econômicos das mulheres, seguem as fantasias recorrentes no mercado erótico, como roupas de enfermeira sensual ou colegial. A gerência do cinema não controla nem dita regras para as apresentações. A única exigência é que não repetissem mesma música ou figurino de outra dançarina na mesma sessão.

Algumas dançarinas não sentiam vergonha de ficar nuas, consideravam a atividade corriqueira. A maioria delas usava o álcool ou algum tipo de droga para ficarem desinibidas e perderem a vergonha nos palcos. As preocupações recorrentes são a aceitação do público quanto ao corpo e à per-

formance, e para isso dedicam parte do tempo para criarem danças envolventes e sensuais que agradem o público.

“Era aceitável as dançarinas do Cine Ritz terem celulite ou uma gordurinha localizada. Diferente das casas de striptease de luxo do DF, o corpo das meninas não era esculpido em academias nem seguia o padrão global de beleza”, garante a antropóloga Anna Lúcia, em entrevista.

Prostituição

Poucas dançarinas complementavam a renda com programas, mas o cinema era frequentado por michês e prostitutas do centro comercial. As apresentações de striptease eram a propaganda das mulheres para conseguir novos clientes e para isso se dedicavam aos shows. Para as dançarinas que se prostituíam, o cinema é visto como ambiente mais seguro e uma forma de proteção, e os riscos de violência menores. Ao contrário do programa acertado na rua, mais arriscado e sem nenhuma segurança para as mulheres.

As garotas de programa usavam o cinema para combinar o encontro com o cliente em um hotel próximo do Conic, inclusive as que não eram dançarinas. Depois do serviço no cinema, iam para o local combinado e lá acontecia o programa. Caso a mulher se envolvesse em algum problema, os funcionários do Cine Ritz sabiam informações sobre o local e sobre o cliente. An-

tes de saírem do cinema, as mulheres frequentemente mencionam com quem vão sair, o local e o horário do encontro.

Os funcionários conheciam a maioria dos clientes e era comum que lembrassem das roupas das mulheres quando saíam. Quanto às reclamações das dançarinas que eram prostitutas, os motivos eram variados. Em entrevista à Anna Lúcia, a garotas consideravam a presença de homens gays um motivo para afastar clientes. Os michês e frequentadores homossexuais, para elas, ganhavam mais espaço no cinema e afastavam o público heterossexual.

O sexo explícito

O cenário das apresentações é simples, o mesmo usado nos shows de striptease. Uma voz ao fundo anunciava a atração e instigava o público com perguntas maliciosas referentes a sexo ou à ejaculação masculina. Durante o funcionamento do Cine Ritz desde a inauguração, os diferentes donos mudavam a apresentação do sexo explícito. Em 2004, duas duplas de atores pornô se revezam semanalmente para o show e escolhiam o tema, podendo ser padre e freira, enfermeira e doente ou casal rico. Em 2007, a situação já era diferente: alguma dançarina de striptease chamava um espectador para subir ao palco e acompanhá-la na performance.

Quando eram atores contratados para o show, duas duplas de Goiânia (GO) se revezavam nas apresentações. As du-

plas criavam o enredo e a ação começava com beijos, depois as peças de roupa iam sendo retiradas pouco a pouco. O contato físico aumentava e os atores começavam as preliminares, com o sexo oral e a masturbação.

Depois de inúmeras posições sexuais e do público ovacionar a performance, os atores caminhavam em direção ao público, que tentava tocar a atriz. Em depoimento à Anna Lúcia, as duplas consideravam o assédio dos espectadores comum e permitiam o toque nos seios, cabelos e braços da mulher, mas não deixam tocar nas partes genitais. Depois do contato com o público, voltavam ao palco e terminavam com a ejaculação nos seios ou na cara da mulher.

O casal de atores escolhia a fantasia, a música e o tema. Assim como no striptease, a administração da sala de cinema não restringia o que poderia ser feito no palco. Os atores tinham total liberdade para fazer o que quisessem, contanto que agradassem o público.

A situação em 2007, segundo o antropólogo Pedro Grandi, era um pouco diferente. Os frequentadores se ofereciam para subir ao palco e transar com a dançarina que faria o show de sexo. Muitos dos espectadores se sentiam intimidados e evitavam se oferecer para o show. Uma vez em cima do palco, o homem ouvia ofensas e palavras de desafio à masculinidade.

Os funcionários jogavam preservativos no palco e quem subia geralmente se masturbava timidamente, de costas para o público, até conseguir colocar a camisinha. O público gritava para fazer a pessoa perder a concentração até que no final o homem terminava com o gozo.

No final, quem fazia a performance se trocava no camarim ou no banheiro da sala de cinema e iam para o hall de entrada do cinema, onde também ficam as dançarinas e outros clientes. O espectador que conseguia terminar a apresentação comemorava e se vangloriava para os outros espectadores.

Matérias de jornais

10
Campus/Cultura
1ª quinzena/junho 86

STRIP

PABLO GUIMARÃES

Who é um bom filme e, nos intervalos das sessões, strip-tease no vivo. Diariamente em algumas lindas quintas. Essa chamada, juntamente com alguns cartazes de filmes, é o público para a mais nova casa de cinema, inaugurada há apenas dois meses no Setor de Diversões Sul, o Cine Ritz.

Adicionalmente, um dos proprietários do cinema, acha que até agora o espaço está dando certo e pretende renovar toda a vida. Vamos mudar o show todas as semanas, juntamente com a film. Vamos mostrar as últimas novidades da indústria do palco". Atualmente a média de renda por dia do cinema é de 4 a 5 mil, só cobrindo um pouco nos finais de semana. Outro que não tem nada a reclamar é o comerciante. Artista de uma lanchonete em frente ao Cine Ritz. Segundo ele, a sua frequência aumentou em cerca de trinta por cento devido ao movimento que o novo cinema trouxe. Na opinião do comerciante, este novo tipo de promoção, um filme mais a apresentação de um strip-tease no vivo, apenas retrata o dia-a-dia das pessoas. "Todo mundo queria fazer strip-tease. Todo mundo queria fazer o que realmente goste".

Porém, não existe também uma livreria de artigos religiosos. Djama, assistente de vendas da loja, vê o espetáculo como uma forma dos indivíduos extravasarem os seus sentimentos, mas que se pudesse ele faria um trabalho de recuperação, colocando uma literatura crítica na saída do cinema para que os espectadores deixassem a par "do strip-tease que representa este tipo de coisa, que não leva a nada, a não ser, a um incentivo maior para a prática de abusos e de depravação sexual".

Mas quem são estes espectadores? Geralmente são soldados, estudantes e funcionários públicos que trabalham ali por perto. É o caso de Ananias, de aproximadamente 30 anos, e que por duas vezes na semana frequenta o cinema. Ele trabalha no Setor de Diversões e na hora do almoço pega um cinema, para as 14 horas estar de volta ao serviço. Já o estudante Adilson gosta mais dos filmes que são apresentados do que propriamente do strip-tease, pois segundo ele, "não val

Tyara, uma das artistas que, diariamente, a partir do meio-dia, animam o Setor de Diversões Sul, na pitoresca programação do Cine Ritz, o primeiro cinema de Brasília com dublagem e strip-tease no intervalo das sessões

As Cinderelas do Cine Ritz

KÁTIA TUBIURA E PAULO FORTES

Sexta-feira, 13 horas. Uma plateia atenta de mais ou menos 100 pessoas, na sua maioria homens, aguarda o início do strip-tease que acontece todos os dias entre um filme erótico e outro. Mas enquanto não começa o espetáculo, o Campus conversa com duas dançarinas que participam do show.

Ana Lúcia Arraes, nome artístico Kelly Arraes, é uma maranhense de 25 anos, que há pouco mora em Brasília. Com uma aparência bonita em seu rosto, no tradicional de Sobradinho, Kelly está trabalhando no Ritz há apenas um mês. Para ela estar no palco faz com que se sinta como uma atriz. "Eu não acho a minha bela das mulheres. A vibração da plateia dá muita força e corrompe um pouco contínuar", acrescenta.

Kelly não acha o strip-tease pornográfico. Com muita convicção, diz que a pornografia está na cabeça do ser humano e não no seu corpo.

Para Kelly Arraes, este trabalho e apenas o passo inicial para alcançar o que deseja, ser uma grande estrela do cinema pornô, e é que parece já está chegando bem perto, pois acaba de receber um convite para participar do filme do cinema Ary Santiago. "Seu em qualquer lugar que começará a ser rotulado em Brasília, dentro de pouco tempo."

Para Nelson, nome artístico Tyara, o

Cine Ritz

"A Fêmea da Praia" e

"Gemido Erótico"

Nos intervalos — Strip Tease

Censura 18 anos

FOTO KÁTIA TUBIURA

Jornal universitário Campus, edição de junho de 1986

Marcus Vinícius

A localização do Cine Ritz, no Setor de Diversões Sul, conhecido como "Conic", não se deu por acaso. Nesse local funcionava o antigo cinema Superama Karim,

que só exibia filmes pornográficos em doses duplas (pagava-se um ingresso e assistia-se a dois filmes). A área é propícia e sugestiva para esse tipo de cinema. Durante o dia, transitam por ali "office boy", contínuos, desempregados, executivos,

um possível público alvo. A noite, o público muda, são as "pessoas da noite", que ocupam a região: travestis, prostitutas, homossexuais, recos, etc. O setor conta com três loates (Batikian, Três Aquários e La Bohème), seis

cinemas, uma faculdade de arte, o "Diana", botecos, fliperamas e vários escritórios de empresas públicas e privadas. O fato de estar entre o Setor Comercial Sul, conjunto Nacional e Rodoviária, o torna bastante conhecido e transitado.

O sonho e o real

AMNERS FERREIRA

O Ritz, dos poucos cinemas da cidade, que não pertence à rede Karim, é uma firma independente em franca expansão atuando na linha do cinema pornô, a empresa importou de São Paulo a combinação cinema *strip-tease* e criou uma sessão diária no meio-dia, o que vem conquistando uma gorda parcela de público.

No coreção da zona erótica da cidade, o Conic, o Cine Ritz está com dois meses de vida e tem uma programação semanal: a cada oito dias um novo filme e um novo show. Para Luiz Tomé, produtor artístico do *strip-tease*, a ideia surgiu para chamar mais gente ao cinema. "O público de cinema sofreu uma queda, nos últimos tempos, em razão da maior liberação de filmes para a televisão, pela cinema e da proliferação de vídeo-cassetes no país". Explica Luiz.

Além do *strip-tease* o espaço é, também, aberto ao teatro erótico, como a peça trazida de São Paulo para inaugurar o cinema. A razão do sucesso do empreendimento, segundo seu produtor artístico, está diretamente ligada à fase erótica em que se encontra a sociedade. "De uma fase romântica passou-se a uma fase erótica, o que poderá mudar a qualquer momento". Explica Luiz Tomé.

O público que frequenta o Cine Ritz é formado por 70% de homens e 30% de casais. A mulher sozinha praticamente não se aventura a ir a esse tipo de espetáculo. A segurança é formada

por dois homens que controlam, principalmente, os luxuriosos e um segurança de camarim "que nunca precisou ser acionado, em virtude do público de Brasília ser suficientemente educado para assistir e aplaudir os shows, sem ultrapassar os limites do palco", afirma Luiz.

Dancarinas

Segundo Luiz Tomé, o primeiro trabalho que vem sendo feito com as dancarinas da cidade é um trabalho de conscientização do que é a profissão, seguido de um treinamento básico. Todas as atrizes que estão no show são de subirem no palco e fazem parte de uma escala móvel, isto é, um revezamento mensal, por grupo, para não cansar a imagem das artistas. Para isso existe um diretor artístico, que treina as atrizes e monta o espetáculo e um produtor artístico, responsável por toda a produção do show, abrangendo palco, camarim, iluminação, som, etc.

Existe, ainda, um projeto para se fazer um filme rodado em Brasília, também com temática erótica, encaixado por um grupo de São Paulo e pelo pessoal do Cine Ritz. O projeto, se concretizado, terá 50% de participação do pessoal de Brasília, entre artistas e produtores, o que, segundo Luiz Tomé, dará um grande boom à cinematografia local. E finaliza: "Nossa intenção é sempre produzir usando recursos locais e aproveitando o material humano da cidade".

No lugar do antigo Superama Karim surgiu uma novidade que parece estar dando certo: é o show *strip-tease* do Cine Ritz. Os shows, apesar de bem aceitos pela população, são mal vistos por algumas senhoras, que até organizaram o I Congresso em Defesa da Família e da Moral Cristã.

Erotismo x Pornografia

MARTHA FÁRIA DE MENEZES

"Os brasileiros assistem a filmes pornográficos desde as primeiras décadas deste século", segundo o cineasta e professor da UnB Geraldo Moraes. "Já naquele tempo existia uma indústria clandestina de cinema pornô, com circulação extremamente restrita, feita aos cochichos, e que interessava apenas a "homens curiosos".

"O aparecimento do filme pornográfico comercial, entretanto, está diretamente relacionado ao advento do chamado "milagre brasileiro", explica o professor, para quem "o sexo foi utilizado pela ditadura como uma válvula de escape durante o período mais negro da repressão, já que todo e qualquer direto político estava proibido". O fato do sexo ter deixado de ser tabu também contribuiu para o crescimento do cinema erótico, a partir dos anos 70, e da propagação de filmes pornográficos, no início dos anos 80.

O cineasta lembra que os primeiros filmes produzidos na época da ditadura eram "discretamente eróticos", não pornográficos, e faz a distinção entre os dois gêneros. "No cinema erótico, o sexo é o componente básico, e muitas vezes o elemento dramático do filme, mas não existe aquela apelação direta às cenas

explícitas. Já a maioria dos filmes pornôs não possui uma estrutura dramática, ou seja, o objetivo se esgota na exploração das cenas de sexo".

Existem diferenças também quanto à ideologia. "O cinema erótico", afirma o professor, "por tratar o nu de forma artística, produz verdadeiras obras de arte, enquanto o cinema pornô quase sempre repete a ideologia machista, repressiva, típica da ditadura, que apresenta o macho como dominador e a mulher como objeto de desejo e dominação masculina".

Amos os gêneros, porém, devem ser encarados como simples formas de expressão, sem qualquer preconceito. A final lembra Geraldo, foram eles os responsáveis pela criação de um setor industrial cinematográfico permanente, gerando todo um mercado de trabalho específico e possibilitando o surgimento de excelentes técnicos e criativos cineastas.

A tendência do cinema pornográfico, entretanto, é a saturação: "Inicialmente", diz o professor, "porque num período de reconstrução como o que vivemos, a necessidade do sexo como válvula de escape deixa de existir. Além disso, a própria repetição de temas e enredos acaba por cansar o espectador".

PROIBIDO PARA MENORES

Show de pornô na tela e no palco

Uma certeza e muita expectativa: será inaugurado hoje em Brasília um cinema só para maiores de 18 anos, que diversificará sua programação, semanalmente, com filmes e shows eróticos. O ponto comum do programa é a pornografia, que de segunda a sexta começa às 12h15min e nos fins de semana às 14 horas, sendo a última sessão sempre às 20 horas. O Cine Ritz, que ocupa o espaço do antigo Superama Karin (no Setor de Diversões Sul, ao lado do Cine Venâncio Jr.), com capacidade para 220 pessoas, transforma-se a partir das 20 horas de hoje (quando inaugurado), no mais novo centro pornô de Brasília, onde será possível se assistir sempre a um filme e a um show de strip-tease ao vivo, por Cz\$ 20,00 (preço do ingresso de cinema).

De hoje, até a próxima semana, será exibido o filme Barco do Sexo, estrelado por Roxanne Potts e Kelly Nichols. Nos intervalos das sessões, durante 15 minutos, os espectadores assistirão ao show de dublagem, dança erótica e strip-tease das atrizes paulistas Débora Muniz, Lillian Vilar e Edna Gleisser, contratadas especialmente, por 10 dias, para abrir a programação do novo cinema. Elas fazem parte do elenco da peça O lado P... do Cinema, que também estreia hoje, no mesmo local; às 22 horas, e fica em cartaz até o dia 20, (ingressos a Cz\$ 30,00).

"Montamos um showzinho musical com strip", diz o diretor e autor da peça, Ari Santiago, que está em cartaz, em São Paulo, com O Lado P... do Cinema desde janeiro. No elenco da peça estão ainda Silas Bueno, Messias Rúbio e o próprio diretor, mostrando uma comédia erótica, "altamente picante", que fala da corrupção e da exploração de homens e mulheres quando procuram ingressar no mundo artístico dos grandes centros. Ele diz não ser um especialista em strip-tease, mas é um dos precursores do teatro erótico no Brasil, tendo montado outras duas peças, Ritual do Sexo e Clínica das Taras no

mesmo estilo.

Enquanto permanecer em Brasília, Ari Santiago montará outros shows com artistas da cidade, que passarão a ser apresentados nos intervalos dos filmes do Cine Ritz. O "showzinho musical" que apresenta com suas atrizes inclui dublagem de várias músicas, com strips sucessivos das três, acabando com um "strip ao contrário", em que elas se vestem dançando.

Para Valdivino Soares dos Santos, responsável pela divulgação da programação do Cine Ritz, esta é a opção que faltava ao brasileiro que procura sempre assistir a filmes pornôs. "Até agora o público só contava com o Cine Venâncio Jr. que, como todos os outros, muda sua programação semanalmente. Quem vê uma vez não assiste ao mesmo filme novamente e este é um dos tipos de filme que atrai mais público, ao lado das grandes produções que já vêm com sucesso garantido", diz ele.

Segundo ele, o Ritz apresentará sempre uma fita diferente, em todos os sentidos. "Muita gente está acostumada a ver filme pornô como porcaria, um filme que não presta. Mas existem excelentes produções, como conteúdo. O Brasil está muito longe de produzir pornôs de arte, mas há muito filme bom feito em outros países", diz Valdivino.

O show dos intervalos é, segundo ele, uma opção que vai enriquecer esta alternativa cinematográfica do público. A inauguração com atrizes de São Paulo é também, para ele, um exemplo de que será possível realizar um trabalho sério com gente de Brasília. "Estamos em contato com o Sindicato dos Artistas locais para reunir atrizes que realizarão os próximos shows. O Ari orientará essas pessoas e com o tempo vamos desenvolvendo um trabalho só nosso. Em São Paulo, o Sindicato acompanha e tudo é feito legalmente, obedecendo os direitos dos artistas", acrescenta Valdivino.

Correio
Braziliense
de 11 de
abril de
1986.

Referências

Livros

- ABREU, Nuno. *O Olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e video*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.
- Boca do lixo: cinema e classes populares*. São Paulo: Unicamp, 2006.
- BERNARDET, Jean-Claude. *Pornografia, o sexo dos outros*. In: MANTEGA, Guido (org). *Sexo e Poder*. CIDADE: Editora Brasiliense, 1979.
- Pornografia, o sexo dos outros*. In: MANTEGA, Guido (org). *Sexo e Poder*. CIDADE: Editora Brasiliense, 1979.
- BOAS, Sergio Vilas Boas. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.
- CALDAS, Ricardo Wahrendorff; MONTORO, Tânia Siqueira. *A evolução do cinema brasileiro no século XX*. Brasília: Casa das Musas, 2006.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Entre o pudor e a luxúria: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo, 2011.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FREIXAS, Ramon e BASSA, Joan. *El sexo en cine y el cine de sexo*. Barcelona: Paidós, 2001.
- GIACHETTI, Roman. *Porno-power (pornografia y sociedad capitalista)*. Barcelona: Editorial Fontanella, 1976.
- GUBERN, Román. *La imagen pornográfica y otras perversiones ópticas*. Barcelona: Anagrama, 2005.
- HUMPHREYS, Laud. *Tearoom trade: impersonal sex in public place*

- ces. Chicago: Aldine Transaction, 1975.
- ICASSI, Miguel (org). *Um sábado no paraíso do swing e outras reportagens sobre sexo*. São Paulo: Panda Books, 2006.
- KEESEY, Douglas & DUNCAN, Paul (ed.). *Cinema erótico*. Köln: Taschen, 2005.
- LEAP, William L. *Public Sex, Gay Space*. Columbia: Columbia University Press, 1999.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: *O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. *O Que é Pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC, 2004.
- RAMOS, Fernão; MOURA, Roberto. *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art, 1987.
- SIMÕES, Inimá. *Sou...mas quem não é? Pornochanchada: o bode expiatório do cinema brasileiro*. In: MANTEGA, Guido (org). *Sexo e Poder*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- Salas de cinema em São Paulo*. São paulo: Pw/Sec Mun Cult, 1990.
- SONTAG, Susan. *A imaginação pornográfica*. In SONTAG, Susan. *A Vontade radical: estilos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TALESE, Gay. *A mulher do próximo: uma crônica da permissividade americana antes da era AIDS*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

WINCKLER, Carlos Roberto. *Pornografia e sexualidade no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Publicações periódicas

CUNHA, Anna Lucia dos Santos da. *Aqui não tem tabu: Sociabilidade e Representação do obsceno no Cine Ritz*. Brasília: trabalho de conclusão de curso (Monografia), Universidade de Brasília/ Departamento de Antropologia, 2004.

FREIRE, João Batista. *Prazeres desprezados: a pornografia, seus consumidores e seus detratores*. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112410121110Prazeres%20desprezados:%20A%20pornografia%20seus%20consumidores%20e%20detratores%20-%20Jo%C3%A3o%20Freire.pdf (Última visualização: 03 de julho de 2013)

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo e Literatura: aproximações, recuos e fusões*. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/viewFile/2198/2121> (Última visualização:

03 de julho de 2013)

NOGUEIRA, Pedro Grandi Passos. *Oh yeah, baby! Sítios da pornografia, territórios da masculinidade*. Brasília: trabalho de conclusão de curso (Monografia), Universidade de Brasília/ Departamento de Antropologia, 2008.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. *Um Retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. 2008. 456 p. : Tese (doutorado) - Faculdade de Comunicação, 2008.

TERTO JUNIOR, Veriano de Souza; AUGRAS, Monique. *No escurinho do cinema... : sociabilidade orgástica nas tardes cariocas*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ Departamento de Psicologia, 1989. Disponível em : http://www3.dbd.puc-rio.br/sre/satisfacao.asp?cod_solicit=48824&filename=48824.pdf (Último acesso: 05 de junho de 2013)

